



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à Indonésia

Jakarta–Indonésia, 12 de julho de 2008

Jornalista: Na área de geração de energia elétrica, como é a situação no Brasil, quais foram as soluções que o Brasil fez para superar esses problemas?

Presidente: O Brasil é um país quase que *sui generis*. Nós temos 46% de toda a energia brasileira limpa. No que diz respeito à energia elétrica, nós temos 85% de energia renovável, ainda mais limpa. Oitenta e sete por cento dos carros produzidos no Brasil são carros *flex fuel*, podem utilizar 100% de álcool ou 100% de gasolina. Toda gasolina brasileira já utiliza 25% de etanol. E nós já medimos pelo instituto Inmetro, provando que o carro a etanol emite menos gases do que um carro a gasolina.

Dito isso, nós não temos indícios de crise energética no Brasil. Nós tivemos um apagão em 2001, porque não tínhamos as linhas de transmissão para levar energia de uma região que tinha água para outra que não tinha água. Nós reformulamos, fizemos as linhas de transmissão, estamos fazendo as hidrelétricas necessárias, e hoje eu posso dizer que o Brasil não tem e nem terá, em um curto prazo, qualquer problema de energia. E ainda temos um potencial de energia hídrica de mais de 164 mil megawatts.

Jornalista: Aqui na Indonésia a produção de etanol é muito criticada pelo efeito sobre a floresta tropical. Essa aliança que o Brasil faz com a Indonésia, estratégica como o senhor diz, não fragiliza a posição do Brasil (inaudível) brasileiro não tem efeito (inaudível) sobre a floresta brasileira, porque (inaudível) não tem no Brasil, mas não fragiliza internacionalmente a defesa do etanol?



Presidente: (inaudível) tem que fazer as suas plantações. Primeiro, é muito difícil para um presidente da República de um país dizer se as pessoas de outro país podem ou não plantar e produzir etanol. A única coisa que eu sei é que, para que a gente possa produzir etanol ou biocombustível, há uma exigência, eu diria, com a própria humanidade, de fazermos o levantamento, um zoneamento agroecológico para saber, em cada área, que tipo de coisas nós poderemos plantar e qual o efeito disso no meio ambiente. Portanto, cada país sabe concretamente que região e que tipo de coisas pode plantar.

Jornalista: A Indonésia concorda que é necessário haver uma reforma no Conselho de Segurança da ONU. A situação do mundo hoje é diferente da situação do mundo pós II Guerra Mundial. Por isso, os interesses e as necessidades globais são diferentes e continuam mudando. De um lado, o G-20, dos países exportadores de produtos agrícolas, e, de outro lado, o G-33, dos países que ainda têm insegurança alimentar. Eu pergunto para os dois presidentes se por um acaso já há um perfeito alinhamento para a conclusão daquele acordo agrícola de Doha e se esse acordo sai ainda este mês?

Presidente: Antes de entrar na pergunta sobre o G-20 e o G-33, eu quero apenas voltar à questão do Conselho de Segurança da ONU. Primeiro, quero agradecer ao presidente Susilo pela deferência ao Brasil, e acho importante, Presidente, explicitar um pouco a posição do Brasil. O Brasil está convencido de que a ONU precisa se modernizar, se democratizar, e por isso tem que abrir o Conselho de Segurança para que a nova realidade geográfica do mundo, política, econômica e social, se manifeste no Conselho de Segurança. É importante que estejam presentes os maiores países de cada região e que estejam todos os mais representativos, porque não é apenas a entrada de mais países, é também a mudança na forma de proceder a organização das



decisões. O que não pode é continuar uma organização como a ONU, em 2009, com a mesma lógica que tinha há 60 anos. Tudo avançou no mundo. As conquistas de gênero aumentaram no mundo, as conquistas dos trabalhadores aumentaram no mundo, os avanços tecnológicos foram extraordinários, já não tem mais o Muro de Berlim, apesar de que tem um muro agora entre o México e os Estados Unidos. Mas o dado concreto é que nós queremos que essa nova realidade vá para o Conselho de Segurança da ONU, e, certamente em algum momento, Brasil e Indonésia estarão juntos.

Com relação ao G-20 e ao G-33. Tem muita gente do G-33 que participa do G-20 e certamente tem gente do G-20 que participa do G-33. Eu já participei do G-5, do G-4, do G-8. Os grupos são constituídos em função de determinadas realidades. E eu acho que Indonésia e Brasil estarão juntos na OMC para garantir um acordo que ajude os países agrícolas a levarem os seus produtos para os mercados europeus e para diminuir os subsídios dos países ricos. Certamente estaremos juntos.

(\$31FGJLMQ)